UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAME NTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

CARLA DE SOUZA FERNANDES

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DO LÚDICO

JOÃO PESSOA – PB

2014

CARLA DE SOUZA FERNANDES

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DO LÚDICO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profª Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

JOÃO PESSOA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363l Fernandes, Carla de Souza
Leitura e escrita na educação infantil [manuscrito] : resignificando a prática pedagógica a partir do lúdico / Carla de Souza Fernandes. - 2014.
44 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Departamento de Educação".

1. Educação Infantil 2. Escrita 3. Jogos I. Título.
21. ed. CDD 370

CARLA DE SOUZA FERNANDES

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DO LÚDICO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista

Aprovada em 14 / 06 /2014.

Soraya M. Barros de C. Brandão

Profª Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão / UEPB
Orientadora

Eneida M. G. de Araújo

Profª Ms Eneida Maria Gurgel de Araújo / UEPB
Examinadora

José do Egito Negreiros Pereira

Profº Ms José do Egito Negreiros Pereira / UEPB
Examinador

JOÃO PESSOA – PB

2014

Dedico a minha mãe Benedita Souza Fernandes por ter me incentivado a nunca desistir do caminho da sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois.sem Ele nada seria possível. Agradeço por me dar saúde e perseverança para assim continuar a conquistar todas as metas que desejo alcançar em minha vida. A Ele e para Ele toda honra e toda glória.

Ao meu pai Carlos Fernandes (In memoriam), que embora ausente fez meu sentir ir ao seu encontro em pensamento e força.

A minha mãe Benedita Souza Fernandes, pois a minha formação como profissional não poderia ter sido concretizada sem a ajuda dela, que no decorrer da minha vida proporcionou-me, além de extenso carinho e amor os conhecimentos da integridade, da perseverança e de procurar em Deus a força maior para o meu desenvolvimento como ser humano. Por essa razão, gostaria de reconhecer a você, minha imensa gratidão.

Aos meus irmãos Donizetti, Fernanda e Ramayana pela confiança e incentivo.

Aos meus filhos Ulysses e Monalisa, que muito amo e sempre me apoiaram.

Ao meu esposo, Ricardo Paulo que, de forma especial e carinhosa, me deu apoio e força nos momentos de dificuldade.

Ao meu tio, Miguel Claudino, que sempre me apoiou me incentivando a ter perseverança para vencer as batalhas da vida.

As minhas primas, Maria de Fátima e Maria Marize, que sempre me incentivaram a estudar.

Aos meus avós paternos e maternos (in memoriam) que na sua simplicidade me deram exemplo de humildade.

A minha orientadora, Prof. Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão, amizade, por sua paciência e ela valiosa contribuição. A você meu afetuoso agradecimento!

Aos mestres, que no decorrer do curso souberam passar conhecimentos, com eficiência e sabedoria. A vocês, meu muito obrigada.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de Pós-Graduação, pelos bons momentos que passamos juntos, pelo companheirismo na minha jornada acadêmica.

À coordenadora do Curso, por sua compreensão, carinho, afeto e respeito por todos nós.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste estudo, meu muito obrigada.

Brincar com a criança não é perder tempo, é ganha-lo; se é triste ver menino sem escola, mas triste ainda e vê-los sentados, tolhidos e enfileirados em uma sala de aula sem ar, com atividades mecanizadas, exercícios estéreis, sem valor para a formação dos homens críticos e transformadores de uma sociedade.

Carlos Drummond de Andrade

R E S U M O

A ludicidade é uma necessidade na vida do ser humano em todas as idades, e não deve ser visto apenas como diversão ou momentos de prazer, mas em momentos de desenvolver a criatividade, a socialização, o raciocínio, a coordenação motora, os domínios cognitivos, afetivos e psicomotores, dentre outros aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem do sujeito. Assim sendo, torna-se importante a inserção de atividades lúdicas no cotidiano da sala de aula, principalmente, na Educação Infantil. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo refletirmos sobre a importância da ludicidade no processo de leitura e escrita da criança da Educação infantil, através do desenvolvimento do projeto "A solidariedade das letras" realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Odilon Coutinho, localizada no Município de João Pessoa - PB. Para isso, fizemos um estudo bibliográfico, em como um relato de experiência, tendo como suporte teórico os estudos de Araújo (1992), Scliar-Cabral (1992), Terzi (1995), Santos (2002), Travaglia (2002), Kishimoto (2003), Pedroza (2005), Luckesi (2005), Maluf (2009), dentre outros. Através dos resultados obtidos percebemos que o brincar é essencial para o desenvolvimento motor, emocional, social e cognitivo da criança, pois possibilita momentos prazerosos, além de permitir o desenvolvimento de habilidades e competências à sua convivência social. Percebe-se, ainda, que o lúdico emerge como um instrumento que convida a criança a aprender brincando, de forma concreta, significativa e prazerosa possibilitando aprendizagens diversificadas e atrativas que contribuem para o seu desenvolvimento integral.

PALAVRAS- CHAVE: Educação Infantil. Ludicidade. Leitura e Escrita.

A B S T R A C T

The playfulness is a need in human life at all ages , and should not be seen just as fun or moments of pleasure, but in times of developing creativity, socialization, reasoning, motor coordination, cognitive domains, affective and psychomotor, among other aspects of development and learning of the subject. Therefore, it is important to insert recreational activities in everyday classroom, especially in kindergarten . In this sense, the present study has the objective of reflecting on the importance of playfulness in the reading and writing of children in child education through the development of the project "The solidarity of the letters" held at the State Primary School Bishop Odilon Coutinho process located in the city of João Pessoa - PB. Therefore made a bibliographic study on how an experience report, supported by the theoretical studies Araújo (1992), SCLIAR - Cabral (1992), Terzi (1995), Santos (2002), Travaglia (2002) Kishimoto (2003), Pedroza (2005) , Luckesi (2005) , Maluf (2009) , among others . Through the results we realize that playing is essential for motor, emotional, social and cognitive development of the child, since it enables pleasurable moments, and allows the development of skills and competencies to their social life. It is clear, moreover, that the play emerges as an instrument that invites the child to learn while playing, concrete, meaningful and pleasurable way enabling diverse and attractive learning that contribute to their overall development.

Keywords: Early Childhood Education. Writing. Games. Reading. Playful.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

A INFERÊNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL 13

1.1 Educação lúdica: aspectos históricos e conceituais ..... **Erro! Indicador não definido.**

1.2 O lúdico no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. **Erro! Indicador não definido.**

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCUTINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ..... **Erro! Indicador não definido.**

2.1 Linguagem e concepções de leitura ..... **Erro! Indicador não definido.**

2.2 Leitura e escrita como prática social ..... **Erro! Indicador não definido.**

RELATO DE EXPERIÊNCIA 34

3.1 Projeto: A solidariedade das letras no mundo da cultura da infância: desenvolvimento da leitura e da escrita 34

CONSIDERAÇÕES FINAIS 41

REFERÊNCIAS 41

INTRODUÇÃO

A infância é um período muito intenso de atividades: as fantasias, os movimentos corporais ocupam quase todo tempo da criança. Nesse sentido, é importante que a criança vivencie bastantes atividades lúdicas, através de jogos e brincadeiras, uma vez que estas são excelência na educação infantil.

A busca do saber torna-se importante e prazerosa quando a criança aprende brincando. Podemos afirmar que o brincar, enquanto promotor da capacidade e potencialidade da criança, deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica, tendo como espaço privilegiado a sala de aula. Muito pode ser trabalhado a partir de jogos e brincadeiras: contar e ouvir histórias, dramatizar, jogar com regras, desenhar e uma infinidade de outras atividades constituem meios prazerosos de aprendizagem.

Foi baseando-se nisso que desenvolvemos o presente estudo, resultado do desenvolvimento do projeto intitulado "A solidariedade das letras no mundo da cultura da infância"[1] realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Odilon Coutinho, localizada no Município de João Pessoa - PB., cujo objetivo constituía-se em desenvolver o processo de leitura e de escrita através de jogos e brincadeiras. Assim sendo, temos como objetivo, nesta pesquisa, refletirmos sobre a importância da ludicidade no processo de leitura e escrita da criança da Educação infantil.

Para isso, fizemos um estudo bibliográfico, em como um relato de experiência, tendo como suporte teórico os estudos de Araújo (1992), Scliar-Cabral (1992), Terzi (1995), Santos (2002), Travaglia (2002), Kishimoto (2003), Pedroza (2005), Luckesi (2005), Maluf (2009), dentre outros.

Em relação ao processo de leitura e escrita, defendemos que o ato de ler se torne para os alunos uma prática significante e uma motivação para a formação de leitores proficientes, de pessoas conscientes, criativas que possam compreender, analisar e participar de forma mais eficiente na sociedade. No entanto, o que observamos é que, em muitas escolas, a leitura e a escrita ainda é desenvolvida a partir da influência de muitos modelos tradicionais ou concepções errôneas dessa

---

[1] Esse projeto foi premiado no Governo do Estado da Paraíba no ano de 2013 por meio da Secretaria de Estado da Educação.

prática. Isso nos leva a acreditar que o ensino de leitura e de escrita pautado em concepções ultrapassadas acaba limitando as possibilidades de formação de bons leitores.

Diante disso, compreendemos que o ensino de leitura deve está fundamentado nas reais necessidades do aluno e que cabe à escola repensar a sua prática e criar condições para a realização de um ensino interativo e prazeroso. Para atingir esse objetivo, é preciso, antes de tudo, que a escola analise a sua postura e faça as modificações necessárias, pois, só assim, ela estará superando o tradicionalismo que ainda predomina no seu fazer pedagógico. É nesse sentido que defendemos a importância do lúdico no contexto escolar.

Sabemos que o lúdico, como desencadeador da aprendizagem, pode proporcionar à criança momentos de prazer. Assim sendo, torna-se importante do ponto de vista pedagógico, uma vez que estimula o raciocínio e a memória, o gosto pela leitura, desperta a atenção, a imaginação dos sentidos e possibilita a interação e a socialização entre as crianças.

Neste âmbito realizamos a investigação, compreendendo como obrigação maior dos educadores modernos e atuais, conhecerem, analisarem e aplicarem nas salas de aula da educação infantil atividades de lazer que desenvolve o potencial das crianças.

O presente trabalho apresenta-se organizado na seguinte maneira:

Iniciamos abordando os aspectos históricos e conceituais da educação lúdica. Em seguida enfocamos o lúdico no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Num segundo momento discorremos sobre a linguagem e concepções de leitura, bem como a leitura e a escrita como prática social.

No momento subsequente apresentamos um relato de experiência do projeto “A solidariedade das letras no mundo da cultura da infância abordando a leitura e a escrita na educação infantil.

O referido trabalho foi concluído através das considerações finais que mostram a importância dada ao tema, e a contribuição do mesmo como instrumento de consulta para a sociedade civil elucidar dúvidas sobre o lúdico e sua contribuição para o desenvolvimento integral das crianças na educação infantil.

A INFERÊNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como vimos a partir do título deste estudo, discutiremos a inserção de atividades lúdicas, incluindo o brincar e os jogos, no processo de leitura e escrita na educação infantil. E para compreendermos melhor a assunto em pauta, torna-se necessário entendermos questões referentes à importância da ludicidade no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, o que justifica a abordagem realizada neste capítulo.

1.1 Educação lúdica: aspectos históricos e conceituais

A atividade lúdica na educação infantil é sem dúvida uma das estratégias mais bem sucedidas no que tange à estimulação do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem dos infantes. Essa atividade é significativa por ampliar as capacidades de atenção, concentração, esperteza, a sensibilidade, dentre outras habilidades referentes à aprendizagem.

O termo lúdico, conforme Maluf (2009) vem do latim ludus que denota o brincar, onde estão incluídos os jogos, brinquedos e entretenimentos. São brincadeiras construtivas onde a criança aprende brincando de forma prazerosa, dando ênfase a situações imaginárias ou faz de conta, para criar ou recriar a sua realidade que conhece e dá construção do seu próprio pensamento.

De acordo com Pedroza (2005), o termo “lúdico” refere-se a “jogo” e “brincar”, e o lúdico é algo que permeia tanto o universo infantil como o adulto há muito tempo. Para a autora:

> [...] há uma concordância presente em diferentes autores de diversas áreas do conhecimento em relação ao jogo como sendo um fenômeno cultural, muito antigo, que ocorre tanto na criança como no adulto, de formas diferentes e com funções diferenciadas. O jogo pode ser visto como uma forma básica da comunicação infantil a partir da qual as crianças inventam o mundo e elaboram os impactos exercidos pelos outros (PEDROZA, 2005, p. 2).

Assim sendo, entendemos que o lúdico no cotidiano escolar tem como intuito educar e ensinar se divertindo em um processo de interação.

Para Araújo (1992), ao estudar a história do jogo, constata-se que ele é uma atividade importante em todos os tempos, inclusive na época anterior a Cristo. A autora expressa isso da seguinte forma:

> Revendo a história do jogo, certificamo-nos de que sua importância foi percebida em todos os tempos, principalmente quando se apresentava como fator essencial na construção da personalidade da criança. Desde a época anterior a Cristo já havia uma preocupação em discutir o valor proeminente do jogo na vida das crianças. Nos escritos de Leis, Livro VII, Platão preconizava o valor educativo do jogo, apesar de dar à criança a liberdade do jogo somente até os seis anos de idade (ARAÚJO, 1992, p.13).

A autora continua afirmando que, na era cristã, diversas concepções sobre jogo foram sendo formuladas. Algumas o fizeram de modo muito significativo, outras, porém,discriminavam, além da criança, o seu interesse por toda e qualquer atividade lúdica.

O lúdico pode ser uma ferramenta pedagógica que o docente faz uso na aprendizagem e na construção do conhecimento da criança, proporcionando ao educando momentos prazerosos, favorecendo a autoestima, incitando-a coragem, a criatividade e os valores morais e intelectuais.

É importante considerar que o brincar é algo natural, intrínseco das crianças, mas que precisa também ser estimulado, pois é através do brincar que elas aprendem, desenvolvem-se e vivenciam experiências fundamentais para um crescimento saudável.

Segundo Luckesi (2005), a ludicidade é percebida como uma condição interna de entrega que o indivíduo permite-se vivenciar internamente, envolvendo o pensamento, sentimento e ação. Assim, durante as atividades lúdicas não se é possível haver distinção entre as dimensões cognitiva, psicomotora e afetiva, já que todas contribuem para o desenvolvimento humano.

É por meio das atividades lúdicas que o homem se desenvolve através das suas ações intencionais, relação com o outro que pode ser harmônica ou até mesmo conflituosa. E através da relação com o outro, o homem passa a desenvolve suas potencialidades, como membro de uma determinada cultura, diante do seu contexto cultural e histórico.

A ludicidade não faz parte apenas da área da educação, deve estar presentes nos hospitais, empresas e de modo especial onde existir crianças, sendo

resguardado o seu direito de brincar, de divertir-se e independente da classe social e da cultura de cada cidadão, os brinquedos, os jogos e as brincadeiras devem fazer parte da sua vida, oportunizando vivências no mundo de alegrias, fantasias, sonhos, onde o faz-de-conta se confunde com a realidade.

Santos (2002, p.57) ressalta que:

> As atividades lúdicas fazem parte da vida do ser humano e, em especial, da vida da criança, desde o inicio da humanidade. Entretanto, essas atividades, por muitos séculos, foram vistas como sendo sem importância e tendo conotação pejorativa. Culturalmente fomos programados para não sermos lúdicos. Basta lembrarmos quantas vezes em nossas vidas já ouvimos frases como estas: chega de brincar, agora é hora de estudar; brincadeira tem hora; fala a verdade; não brinque; a vida não é brincadeira.

Para as crianças, o ato de brincar equivale ao viver, e como sempre fizeram parte da vida humana, a sua história se confunde com a própria história da humanidade, mostrando que as crianças sempre brincaram e ainda brincam.

O brincar da criança acontece pelo simples fato de ser prazeroso, e quando não é assim, é possível que algo esteja errado. Desta forma, algumas crianças brincam por prazer, outras ainda buscam um alivio para suas angústias.

O brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, tensão e, ao mesmo tempo, para construir uma maneira de acomodação a conflitos e frustações de vida real (VYGOTSKY apud KISHIMOTO, 2003).

Portanto, as brincadeiras consistem em diversão, descontração que é fundamental e essencial na vida da criança, pois no brincar elas têm o direito de pensar, agir, falar e trocar experiências com outras crianças sejam de idade inferior ou superior a elas, aprendem a esperar a vez de jogar, respeitar regras, aceitar os resultados, e isso estimula para que possam transforma-se em cidadãos plenos.

Diante dessa abordagem lúdica, existem, na atualidade, documentos que garante o direito da criança brincar, a exemplo do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, RCNEI (BRASIL, 1998) que apresenta o brincar como uma atividade indissociável do trabalho pedagógico infantil e, por isso, devem estar presentes no cotidiano das instituições de educação infantil.

Outro documento que ratifica a importância do lúdico são as Diretrizes Nacionais de Educação Infantil (CNE/CEB nº 20/2009), que traz nos seus artigos a

afirmativa de privilegiar no processo pedagógico a cultura lúdica como forma de conhecer o mundo por meio do brincar.

Kishimoto (2003, p.36) mostra-nos que:

> O brinquedo educativo data dos tempos do Renascimento, mas ganha força com a expansão da Educação Infantil [...]. Entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores; nos brinquedos de tabuleiro, que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas; nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência, de tamanho e de forma; nos múltiplos brinquedos e brincadeiras cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e materialização da função psicopedagógico: móbiles destinados à percepção visual, sonora ou motora; carrinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora; parlendas para a expressão da linguagem; brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica.

Percebe-se que os jogos e as brincadeiras estão presentes na vida cotidiana, especialmente na vida das crianças desde tempos remotos e, ao longo da história foi se configurando e passou a fazer parte dos conteúdos que são aprendidos nas relações de interação com as pessoas e com a cultura.

No processo educativo, professores e alunos participam de situações que influenciam tanto na ação do ensinar como no do aprender, por isso vê se a importância do profissional da educação ter vivenciado ou estar vivenciando o lúdico em sua trajetória acadêmica.

O brincar é a atividade predominante na infância e vem sendo explorado no campo cientifico, com o intuito de caracterizar as suas peculiaridades, identificar as suas relações com o desenvolvimento e com a saúde e, entre outros objetivos, intervir nos processos de educação e de aprendizagem das crianças.

Segundo Maluf (2009, p.21):

> Algumas escolas já estão dando o devido valor ao brincar, estão levando cada vez mais as brincadeiras, os jogos e os brinquedos para sala de aula. Os professores, aos poucos, estão buscando informações e enriquecendo suas experiências para atender o brincar e como utilizá-lo para auxiliar na construção do aprendizado da criança. Quem trabalha na educação de crianças deve saber que podemos sempre desenvolver a motricidade, a atenção e a imaginação de uma criança, brincando com ela. O lúdico é o parceiro do professor.

Observa-se que se o professor vivenciar a ludicidade na sua prática pedagógica, o seu trabalho com a criança acontecerá de forma prazerosa. Por isso, a prática pedagógica baseia-se numa proposta onde a ludicidade torna-se parceira no processo de ensino e aprendizagem, visto que, as brincadeiras, as músicas, as historinhas são elementos que fazem parte da infância e que devem estar presentes na escola, consequentemente para realização dessas atividades lúdicas o professor precisa organizar espaço e tempo para brincar.

Sem dúvida, é preciso que o docente pense numa metodologia que incorpore a ludicidade como fator de suma importância na educação infantil, uma aula lúdica é uma aula que se assemelha ao brincar - atividade livre e criativa.

Assim sendo, são lúdicas as atividades onde a criança aprende brincando de forma prazerosa, dando ênfase a situações imaginarias ou faz de conta, para criar ou recriar a realidade que conhece. Dessa forma, essas atividades estão voltadas para os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação, portanto, são livres de pressões e avaliações.

O lúdico, então, pode ser uma ferramenta pedagógica que o docente pode utilizar na aprendizagem e na construção do conhecimento da criança, proporcionando ao educando momentos prazerosos, pois as brincadeiras podem favorecer na autoestima desenvolvendo na criança a capacidade e os valores morais e intelectuais.

De acordo com Maluf (2009, p.23), são vários os benefícios das atividades lúdicas entre elas, cita: assimilação de valores, aquisição de comportamentos, desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento, aprimoramento de habilidades e socialização.

Sabemos das grandes dificuldades enfrentadas por professores para tornarem essas atividades em práticas significativas, pela falta de materiais ou diante da existência de materiais inadequados, pelo pouco incentivo dos pais ou responsáveis para realização das atividades destinadas para casa, ou até mesmo pela falta de espaços na instituição adequados para a realização das atividades, o que muitas vezes desmotiva a prática pedagógica.

Nesta perspectiva, é verdadeira função do educador a realização de brincadeiras e jogos essenciais para a formação da criança, enquanto cidadã, motivando-as na construção de sua própria história e na ampliação de suas formas de expressão. Portanto, o docente necessita constantemente valer-se da auto

avaliação, com a intenção de criar situações motivadoras para que as crianças desenvolvam suas aptidões através dos jogos e das brincadeiras.

É preciso que o professor tenha consciência que, através dos jogos, brinquedos e brincadeiras, eles podem criar condições para que as crianças construam seu conhecimento sem que haja constrangimento para a criança.

Portanto, para integrar jogos e brincadeiras na rotina da sala de aula, é importante, no entanto, o professor pensar o objetivo daquele jogo ou brincadeira para o aprendizado de todas as crianças. É preciso que se defina o momento e a forma do brincar na sala de aula. As atividades lúdicas devem se integrar ao planejamento e à rotina da classe de forma a contemplar situações em que a turma esteja disposta em grande grupo, envolvendo todos da classe na mesma atividade; situações em pequenos grupos, em que a turma pode ser dividida em grupos menores, tanto para a realização de propostas em que todos os estudantes participam da mesma atividade quanto para os momentos em que diferentes grupos realizam diferentes tarefas e situações em dupla. É possível também planejar situações em sala de aula diversificadas, para o desenvolvimento de atividades com jogos didáticos, com o objetivo de suprir necessidades como, por exemplo, quando há crianças que possuem dificuldades em atender às experiências de aprendizagem.

1.2 O lúdico no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Vários estudos têm apontado para a importância das atividades lúdicas no contexto da criança, uma vez que essas proporcionam condições adequadas para o desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo e social.

Antigamente, as atividades lúdicas eram vistas apenas como divertimento, bem como perda de tempo, quando utilizadas no contexto escolar, assim sendo, não eram consideradas atividades séries. No mundo atual, as atividades lúdicas, especificamente, as brincadeiras, conquistaram um espaço nos bancos escolares uma vez que através do brincar ela aprende, experimenta o mundo, constrói relações sociais, elabora sua autonomia de ação, organiza emoções, dentre outras habilidades.

Segundo Vygotsky (1987), o brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação, fantasia e a realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças. Mesmo com esse novo olhar para o brincar, constantemente nos deparamos com algumas escolas, educadores e pais que ignoram a importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança, considerando-o como um simples passatempo, desprovido de qualquer função que não apenas ocupar a criança.

Para Paschoal, Batista e Moreno (2008, p. 110):

> Os jogos, brinquedos e brincadeiras são atividades fundamentais da infância. O brinquedo pode favorecer a imaginação, a confiança e a curiosidade, proporciona a socialização, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da criatividade e da concentração.

Nesse contexto, a brincadeira torna-se uma das atividades primordiais para o desenvolvimento da criança. Ademais, o brincar em situações educacionais, proporciona um meio real de aprendizagem, permitindo, também, que os educadores aprendam sobre as crianças e suas necessidades, o que propicia a estes o ponto de partida para promover novas aprendizagens nos domínios cognitivos, culturais, sociais e afetivos. Dessa forma, a educação na infância deve estar pautada em um ensino criativo e lúdico, não dando espaço para ações repetitivas e mecânicas.

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil – RCNEI - (BRASIL, 1998, p. 27), contempla a importância do brincar para a construção do conhecimento, nos dizendo que:

> Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda, fragmentados. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações.

É preciso pensar num trabalho educativo que não se centre apenas na dimensão cognitiva da criança, mas, sobretudo, potencializar as várias linguagens da criança. Para alcançar essa meta, a escola tem que considerar como eixo central de seu currículo as atividades lúdicas, acreditando que por meio delas as crianças comunicam-se melhor com o mundo, entrelaçando vivências e saberes.

Segundo Maluf (2003, p.9), “a busca do saber torna-se importante e prazerosa quando a criança aprende brincando. É possível, através do brincar, formar indivíduos com autonomia, motivados para muitos interesses e capazes de aprender rapidamente”. A autora ainda acrescenta que o brincar é uma necessidade interior tanto da criança quanto do adulto. Por conseguinte a necessidade de brincar é inerente ao desenvolvimento. Sendo assim, é necessário apontar para o papel do professor na garantia e enriquecimento da brincadeira como atividade social no universo infantil.

Nesse processo, o papel do professor é primordial, pois é aquele que cria espaços, oferece os materiais e participa das brincadeiras, ou seja, media a construção do conhecimento. O professor é mediador, fazendo parte da brincadeira, ele terá oportunidade de transmitir valores e a cultura da sociedade. O professor estará possibilitando a aprendizagem da maneira mais criativa e social possível.

Para Vigotsky (1991, p.45), “A criança aprende muito ao brincar. O que aparentemente ela faz apenas para distrair-se ou gastar energia é na realidade uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social, psicológico”. Na visão do autor, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas através do brincar. Afirma, ainda, que:

> É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos (VYGOTSKY, 1991, p.109).

Percebemos que, no universo infantil, a criação de possíveis espaços e brinquedos é inesgotável: a imaginação é a grande recicladora de ambientes e significados. A riqueza de vivências da criança com espaços e brinquedos diferentes é fator estimulante para seu desenvolvimento integral.

Segundo Ronca e Terzi (1995, p.98):

> Pelo lúdico a criança faz 'ciência', pois trabalha com imaginação e produz uma forma complexa de compreensão e reformulação de sua experiência quotidiana. Ao combinar informações e percepções da realidade, problematiza, tornando-se criadora e construtora de novos conhecimentos.

Assim, brincando a criança, além de se divertir, constrói seu conhecimento e aprende a conviver com seus pares. Para Santos (2000, p.7):

> Os recentes estudos têm mostrado que as atividades lúdicas sã ramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o brincar. Pela brincadeira, a criança é introduzida no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modelo de assimilação e recriação da realidade (SANTOS, 2000, p.7).

Nesse sentido, as Instituições de Educação Infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças possam vivenciar atividades lúdicas, para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar.

Ressalta-se a importância do professor vivenciar a ludicidade na sua prática pedagógica, assim, será maior a chance dele trabalhar com a criança de forma prazerosa. Nesse sentido, a prática pedagógica deve basear-se numa proposta onde a ludicidade torna-se parceira no processo ensino-aprendizagem, visto que as brincadeiras, as músicas, as historinhas são elementos que fazem parte da infância e que devem estar presente na escola com vistas à construção do seu próprio conhecimento.

Entendemos que o uso do lúdico na educação infantil,com metodologias agradáveis e adequadas às crianças, fazem com que o aprendizado aconteça dentro do 'seu mundo', das coisas que lhes são importantes e naturais de se fazer, que respeitam as características próprias das crianças e seus interesses.

Vale ressaltar que incluir e socializar brinquedos e brincadeiras no cotidiano das crianças, tanto em momentos de recreação como em situações de aprendizagem, é tão importante quanto qualquer outro conteúdo.

Sendo assim, é importante que as brincadeiras estejam presentes na escola desde a educação infantil para que o aluno possa se colocar e se expressar através de atividades lúdicas, pois é por meio do lúdico, que a criança percorre um

prazeroso caminho em busca de suas aprendizagens e o papel do educador é mediar esta conexão.

Só para reforçar o foi dito anteriormente, a brincadeira pode ser considerada um dos elementos fundamentais para que os processos de ensino e de aprendizagem podendo superar os conteúdos prontos, acabados e repetitivos, que tornam a educação escolar maçante, sem vida e sem alegria. O brincar é, portanto, um elemento importante pelo qual a criança aprende, sendo sujeito ativo desta aprendizagem que tem na ludicidade o prazer de aprender.

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCUTINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A ênfase dada neste capítulo são as interfaces entre linguagem, leitura e escrita, bem como as práticas pedagógicas de professores em relação ao ato de ler e escrever. Aqui discutimos os aspectos acima citados pelo viés da ludicidade, pois entendemos que a educação, por essa via, proporciona aprendizagens significativas.

2.1 Linguagem e concepções de leitura

Existem muitas controvérsias no que se refere ao que seja linguagem e o conceito de leitura. Diante disso vê-se muitos pesquisadores estudarem sobre este tema que está presente na nossa vida, todavia surgem incertezas no que diz respeito ao uso da linguagem nos diferentes contextos das práticas sociais.

Segundo Vygotsky (1991, p. 34) a linguagem é o símbolo de todos os grupos sociais. Diante disso vemos a necessidade do domínio da língua indispensável à melhoria das condições de vida possibilitando a integração ao mundo cultural e acesso à informação.

Para Travaglia (2002), para ensinar a língua materna, incluindo aí o processo de leitura e escrita, necessário se faz conhecer as diferentes concepções de linguagem, quais sejam: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma ou processo de interação.

A linguagem como expressão do pensamento está relacionada a gramática normativa ou tradicional, tomando como base a linguagem literária, cujas regras estão voltadas para o falar e escrever ‘bem’. Nessa concepção tem-se que “[...] o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada de quem se fala, em que situação se fala, como, quando e para quem se fala" (TRAVAGLIA, 2002, p. 22).

Nesse sentido, a linguagem se processa no interior do sujeito e, por isso, não prevê a influência social na produção do enunciado. Em relação a questão da leitura, nessa concepção de linguagem, há uma maior preocupação com a oralização do texto escrito, impossibilitando uma leitura crítica ou mais aprofundada

A linguagem como instrumento de comunicação é um ato social, mas, também, não considera o contexto do falante, ou seja, desconsidera a linguagem enquanto uso. De acordo com Travaglia (2002, p. 22), nessa concepção "[...] língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor [...]". Assim, a linguagem é um instrumento de comunicação exterior ao sujeito que fala e, por isso, deve ser ensinada. Isso implica dizer que como um sistema de signos que se combinam através de regras, é algo que lhe é dado pronto, não pode ser criada ou modificada. Nessa perspectiva, a leitura é uma prática de decodificação e de mera reprodução.

A linguagem como forma ou processo de interação considera a linguagem em uso, ancorando-se na pragmática. Segundo Travaglia (2002, p.23), "[...] a linguagem é lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico". Nesse sentido, o uso da linguagem resulta em uma produção de sentidos entre os interlocutores. Assim sendo, a leitura não mais caracteriza-se como uma decodificação, mas, sobretudo, um processo de construção de significado, considerando-se nessa construção tanto os fatores lingüísticos como os não-linguísticos. Em defesa dessa concepção de linguagem, Scliar-Cabral (1992, p.129) faz a seguinte definição de leitura:

> (...) a leitura não se resume à decodificação, ou seja, identificação das letras e dos grafemas, e ao reconhecimento das palavras: ela envolve operar com proposições e com o texto, bem como realizar inferências, emparelhando as informações fornecidas pelo texto com o saber anterior do leitor (...) a leitura é um processo criativo, ativo, no qual o indivíduo joga todo o seu conhecimento anterior para, colhendo novas informações e/ou novos enfoques ou visões do mundo, reestruturar sua própria cosmovisão.

Considerando a linguagem como um processo de interação, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (BRASIL, 1998, p.5) postulam que "não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social [...]". É nessa perspectiva que entendemos a linguagem e conduzimos nosso estudo sobre o processo de leitura na Educação Infantil.

Sabemos que a leitura está presente na vida da criança desde a mais tenra. Primeiro através da família e depois nos bancos escolares. É importante deixar claro que essa leitura não refere apenas ao processo de decodificação, leitura de mundo, imagens, símbolos, enfim, várias leituras considerando não só a linguagens verbal, mas, também, a não-verbal.

É importante ressaltar que a situação atual de leitura no Brasil tem evidenciado muitos problemas, pois os alunos estão chegando à universidade sem a proficiência em leitura.

2.2 Leitura e escrita como prática social

A leitura é um processo no qual o individuo é informado das coisas que estão acontecendo ao seu redor e nos faz viajar por lugares maravilhosos e nos desperta para o conhecimento. O ato de ler deve ser visto como uma atividade ativa onde o leitor é o elemento principal desse processo. Um leitor competente é alguém que por iniciativa própria é capaz de selecionar dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua.

O professor deve estimular as crianças para o hábito da leitura através de textos interessantes, literatura infantil, contos entre outros meios, para que possam crescer com o hábito de ler e tornar-se adultos sedentos pela leitura.

É função da escola o desafio de formar leitores, capazes de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorporá-los reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender o mundo e seu semelhante.

Para Onrubia (1994, p.101):

> O ensino deve ser entendido [...] como uma ajuda ao processo de aprendizagem. Ajuda necessária, porque sem ela é muito provável que os alunos cheguem a aprender, e a aprender, de uma maneira mais significativa possível, os conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento pessoal e para as capacidades de compreender a realidade e a sua atuação nela. Entretanto, só ajuda, porque o ensino não substitui a atividade mental construtiva do aluno, nem ocupa seu lugar.

Diante de uma sociedade letrada na qual vivemos nos dias atuais, precisamos de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem independente, e,

para isso, o cidadão precisa ler. Conhecer as letras não é o suficiente para atender a essas demandas, é aí onde está a diferença entre alfabetização e letramento.

Ser alfabetizado significa apenas reconhecer as letras do alfabeto e assinar o nome. Embora muitas campanhas nacionais de alfabetização utilizem essa concepção, esse grau de conhecimento do sistema escrito não é suficiente para adquirir e manter o emprego de algum estabelecimento comercial para lidar com as instituições das sociedades urbanas. Daí a diferenciação que vem sendo feita na última década entre alfabetização e letramento.

Essa diferenciação implica no grau das diversidades do uso da escrita do cotidiano: escrever bilhetes, cartas, compreender uma notícia no jornal, entender uma explicação médica, preencher formulários oficiais, defender os direitos do consumidor, contribuir para o debate.

O indivíduo letrado também é capaz de desfrutar de um romance, de um poema dentre outros gêneros textuais. Ser letrado também se entende ao conhecimento de práticas orais, para isso pode ser citado como exemplo àqueles que envolvem mais planejamento e cuidado que a conversação espontânea na família ou entre amigos, como proferir uma palestra ou participar de outros eventos.

É função da escola é formar cidadãos letrados, não apenas sujeitos alfabetizados. A escola esta cada vez mais encurralada entre o contexto opressivo da violência, do desemprego, das demandas da administração pública.

É tarefa da escola ajudar a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre as várias situações da imensa rede de conhecimentos que nos cercam.

O indivíduo precisa ter a facilidade para compreender e produzir o texto escrito, como o que ele tem para compreender e produzir o texto oral.

Cabe, portanto, a escola procurar meios que desperte na criança a curiosidade de ler, trabalhando com as diversidades de textos e combinações entre eles.

Devem-se traçar metas para formar sujeitos que compreendam os diversos tipos de textos com os quais nos deparamos. É preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola, principalmente quando as crianças não têm contato com bons materiais de leitura e quando a família não tem o hábito de ler, ou não participam de práticas onde ler é

indispensável. A escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leituras e práticas eficazes.

Para Terzi (1995, p.8):

> As experiências pregressas de leituras dos sujeitos, no que diz respeito ao nível educacional da família, ao material de leitura disponível à criança e a frequência de leitura de estórias mediada pelos adultos, têm a influência significativa no seu progresso em leitura na escola.

Segundo a autora, aparentemente a criança a partir da interação com o adulto e colegas, define o próximo passo para o desenvolvimento de leitura, e começa a fazer experimentações, o que se concretiza no surgimento de indícios de uma redefinição de objeto (TERZI, 1995, p.15). E quando essa interação é mediada fortemente pela afetividade e descontração a criança se atreve a fazer suas próprias descobertas.

Quando não há essa afetividade, quando o contato com a leitura ao longo da história do leitor não é vivido de forma prazerosa, espontânea e regular, a criança, numa situação peculiar de leitura, se aventura e retrata o texto utilizando várias estratégias.

O primeiro contato que a criança tem com a leitura não é feito por ela própria, mas sim, por outras pessoas que leem para ela. Ao ouvir, a criança atribui um sentido ao texto lido, transportando-se para o universo da história.

Os estímulos à leitura devem ser dirigidos com vistas a despertar no aluno a observação mais ampla do mundo. Assim como nos afirma Delors (1999, p.p.97,98):

> A educação tem por missões, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomarem consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde a tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para essa dupla aprendizagem.

É dever do professor fazer tudo que estiver ao seu alcance para propiciar às crianças uma aprendizagem que elas possam utilizá-las dentro e fora da escola, nas situações que surgirem no seu cotidiano, pois a leitura é uma das maneiras que a

escola tem de contribuir para a diminuição das injustiças não desperdiçando a oportunidade para o acesso ao saber acumulado pela sociedade.

> A vida não existe em função de nenhuma etapa de idade ou período. A vida deve ser plena em todo tempo. O tempo pleno é o tempo presente. Passado e futuro só contam se forem presentes com seu peso, seu fogo, sua esperança, sua garra (REDIN, 1994, p.23).

Por esta razão o professor deve estimular as crianças a não desperdiçar as oportunidades de se atualizar através da leitura e da escrita tornando-se leitores praticantes.

A aprendizagem da escrita se pauta pela necessidade do aluno compreender, através das letras, o mundo natural e social no qual está inserido. Sabe-se que a aprendizagem é, no contexto geral, resultado do processo de interação sujeito/mundo. Nesse processo, o aluno assume o papel de sujeito e o mundo seria o objeto, ou seja, a realidade a que o educando pertence. Vale salientar que, para constituir conhecimentos, assimilar informações e reproduzi-las, faz-se necessária a interação do sujeito, o educando, com outras pessoas que assumam essa mesma condição.

Segundo Vygotsky (1997, p.12), “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança inteira-se como pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”.

Pelo exposto, observa-se que toda forma de aprendizagem requer uma interação entre o aprendiz e seu meio. Desta forma, o processo de construção da escrita, como forma de aprendizado, é um processo discursivo, marcado também por uma rede de interações que integra o educando ao seu meio sócio-histórico-cultural.

Para Gnerre (2003, p. 88), “a língua, enquanto fato social na sua prática cotidiana é um traço em série de outros que no conjunto constituem relações sociais e interpessoais”.

A aprendizagem da linguagem escrita é desta feita, um dos elementos importantes para os educandos ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais. Ela contribui para a formação do sujeito na sua interação com o outro, na construção de muitos conhecimentos e no

desenvolvimento do pensamento. Aprender uma língua é entender, interpretar e representar os significados das palavras de acordo com o meio sociocultural.

Para Piaget (1989, p.20),

> A criança se apodera de um conhecimento se agir sobre ele, pois aprender é modificar, descobrir, inventar. Nesse enfoque, a função é propiciar situações para que a criança construa seu sistema de significação, o qual, uma vez organizado na mente, será estruturado no papel ou oralmente.

Percebe-se que, ao interagir com a escrita, o educando aprende o seu sentido e significado social. Aprender a linguagem escrita é experimentar, usar, praticar, conhecer, criar. Só se aprende algo realizando, isto é, escrevendo o educando aprende a escrever.

De acordo com Piletti (2000, p.38),

> Ao se trabalhar o desenvolvimento da capacidade de expressão da criança, dá-se oportunidade para que ela se “coloque” e traga à tona o seu contexto, suas experiências, seu sistema de valores, a representação que faz da realidade. Esse processo criativo permite que aflore sua individualidade e sua identidade social.

Observa-se que, para a aprendizagem da escrita, é imprescindível que o educando esteja envolvido com situações significativas que viabilizem o fluir dessa aprendizagem, de forma que sejam oferecidas oportunidades de produzir e criar seus próprios textos, desenvolvendo e estimulando assim o seu discurso oral e sua competência comunicativa.

Pesquisas realizadas nas últimas décadas, baseadas na análise de produção de textos dos educandos e das práticas correntes, têm apontado novas direções no que se refere ao ensino e à aprendizagem das atividades com a escrita. Ao se considerarem os educandos como cidadãos ativos na construção do conhecimento e não com menos receptores passivos de reproduções, há uma transformação substancial na forma de compreender como eles desenvolvem a escrita.

Nas relações que mantém com a escrita no ambiente em que vive, muitas vezes, a criança elabora hipóteses acerca da lógica de seu funcionamento. Ela assimila à escrita, interpretando-a de acordo com os conhecimentos e modo de pensar que já desenvolveu e organizou no decorrer de sua experiência de vida, produzindo escritas e leituras não compatíveis com a escrita convencional.

Ferreiro (1985, p.103) destaca que

> A criança é um sujeito que pensa. Um sujeito que assimila para compreender, que deve criar a fim de assimilar, que transforma o que vai conhecendo, que constrói seu próprio conhecimento para apropriar-se do conhecimento dos outros.

Observa-se, assim, que o desenvolvimento da escrita envolve uma série de concepções e de relações cuja elaboração não pode ser atribuída apenas à influência do meio, nem à aprendizagem, mas, sim, ao próprio desenvolvimento cognitivo da criança.

Para Vygotsky (1987, p.97),

> A escrita é mais do que um sistema de formas linguísticas organizadas segundo uma lógica com a qual o sujeito se conforta, esforçando-se por compreendê-lo. Ela é uma forma de linguagem, uma prática social própria de membros de uma sociedade letrada.

Enquanto para Emília Ferreiro (1985, p.60),

> O papel do adulto (inclusive o professor) deve ser o de possibilitar o desenvolvimento da escrita, criando condições estimuladoras e conflitos cognitivos (situações em que a criança percebe contradições entre suas hipóteses e os princípios da escrita convencional) para que ela descubra por si mesma as chaves do sistema alfabético.

Percebe-se que os estudos de Ferreiro e de Vygotsky analisam, de maneira diferente, a relação da criança com a escrita. Enquanto Ferreiro considera a escrita um objeto de conhecimento, que vai sendo construído de modo evolutivo pela criança, Vygotsky a concebe como um produto cultural, uma prática social à qual a criança vai se integrando, nas suas relações sociais.

Conforme afirma Smolka (1993, p.63),

> A palavra materializada sobre o papel não é um fim em si mesma, ela cria relações entre os indivíduos: a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. Mas esse aprende significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escrever é aprender sobre a escrita.

É nas relações que mantêm com a escrita, que as crianças apropriam-se de técnicas para a sua utilização e de algumas de suas convenções básicas – o nome de algumas letras, o modo de traçá-las, a direcionalidade, entre outros aspectos. E

aprendem também suas funções sociais – para que, a quem, por que, onde, e como se escreve. Percebe-se que a escrita serve a uma variedade de objetivos cognitivos e de comunicação.

Para que se possa dominar a língua escrita, é necessária a aprendizagem sistematizada e o treinamento específico de algumas habilidades e convenções, tais como: o conhecimento do conjunto de letras disponíveis para o registro dos sons da linguagem falada, suas relações com esses sons e as regras de combinação entre elas, o traçado que as constitui, sua direcionalidade e outros tantos detalhes. Escrever, assim como o ato de ler, tem um papel fundamental na comunicação.

Segundo Antunes (2003, p.47), “a escrita na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes”.

O objetivo da escrita é transmitir mensagens por meio de um sistema convencional que representa conteúdos linguísticos, pressupondo uma análise da linguagem. É, portanto, uma forma de mediação linguística, criada de acordo com as necessidades de uma sociedade com demandas culturais determinadas.

Ainda conforme Antunes (2003, p.44), “a escrita, como atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas”.

Na escola, a criança e o adulto, ou seja, o educando e o professor, interagem numa relação social específica – a relação de ensino. Sua finalidade imediata, a de ensinar e aprender é explicita para seus participantes que nela ocupam lugares sociais diferentes. O professor de Língua Portuguesa participa ativamente do processo de elaboração conceitual da criança, na medida em que destaca a importância da oralidade e da escrita como elementos de comunicação e de interação social.

Nas relações de ensino compartilhadas, professor e aluno ensinam e aprendem. Eles aceitam juntos das palavras, mergulhando na história, nas práticas sociais de conhecimento em que se constituem, em busca do sucesso.

Historicamente, a escola estabeleceu uma distinção entre “aprender e ler” e “ler para aprender”. Estas categorias definem uma forma de ver o processo de apropriação e uso da leitura e da escrita, o que não apenas gera agrupamentos e práticas escolares específicas, mas que também exerce uma forte influência nas concepções técnicas e teóricas acerca da lecto-escrita. Exige-se, cada vez mais, uma consciência plena a respeito dessa dicotomia, pois a leitura influi na oralidade e na escrita utilizada na escola. Sendo assim, não se pode deixar de evidenciar a

importância da leitura, realizada no ambiente escolar, no processo de desenvolvimento da escrita.

Como afirma Piletti (2000, p.40), no que concerne à relação do professor com a produção verbal do educando,

> Estimular situações diálogo e de troca de experiências favorecerá o enriquecimento linguístico da criança e a criança de condições necessárias ao processo criativo. Mediante esse intercambio linguístico, criam-se também normas reguladoras dessa interação.

É evidente que a educação escolarizada e o professor têm um papel singular no desenvolvimento da escrita do aluno. Trabalhando junto ao aluno, demonstrando, fornecendo pistas, instruindo, dando assistência, o professor interfere no desenvolvimento de seus alunos, contribuindo para a emergência de processos de elaboração e de desenvolvimento que não ocorreriam espontaneamente. Possibilitando o contato sistemático e intenso dos alunos com os sistemas organizados de conhecimento da escrita e fornecendo-lhes instrumentos para elaborá-los, a escola mediatiza seu processo de desenvolvimento, de forma que o educando consiga tornar-se não só um leitor competente, mais que consiga elaborar seus próprios textos com eficiência.

Não podemos esquecer que a criança é movimento, é brincadeira, é alegria. E nesse sentido, o lúdico constitui-se uma das formas mais eficazes para ensinar-lhes algo. Segundo Vygotsky (1991, p.135), “o sujeito desenvolve-se, essencialmente, através do brincar, visto que o lúdico possibilita a interação com o mundo externo pela capacidade de criar, imaginar, fazer planos e apropriar-se de novos conhecimentos”. O lúdico, como já foi falado ao longo deste estudo, leva a criança a aprender de forma prazerosa, motivada e significativa. Em relação à ludicidade na escola, de forma especial, o jogo, Santos (2000, p.37) adverte que o jogo na escola:

> Ganha espaço, como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social, ajuda-o a descobrir novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.

Assim sendo, o professor precisa constantemente rever a metodologia utilizada na sala de aula, pois a prática docente é decisiva na construção do conhecimento. O sucesso do aluno muitas vezes está diretamente ligado a metodologia do professor. E nesse aspecto as atividades lúdicas são cruciais, uma vez que além de fornecer um ambiente agradável à criança, favorece o desenvolvimento das potencialidades intelectuais, perspectivas, afetivas e sociais, e a aprendizagem de várias habilidades. Para Ronca e Terzi (1995, p.103):

> A beleza fundamental de uma aula, tantas vezes negligenciada, reside no fato de que, quando um solitário professor, lá em sua sala com seus alunos, vive, com seriedade e profissionalismo, o movimento lúdico, ele não está simplesmente dando uma aula, mas está reconstruindo o Mundo e refazendo a História.

Toda essa discussão acerca da prática social da leitura e da escrita culmina com a discussão sobre os aspectos metodológicos, uma vez que o professor precisa superar as práticas tradicionais do ensino de leitura e escrita, em que a criança lê e escreve sem entender o que está fazendo.

Além disso, as atividades propostas são enfadonhas que em nada estimula a criança a gostar de ler. Diante disso, os professores precisam incluir nas suas práticas atividades que incentivem a criança a gostar de ler e escrever e que satisfaçam a curiosidade que estas têm em relação à leitura e isso só é possível através da ludicidade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nessa seção apresenta-se um relato de experiência de um projeto cujo titulo é “A solidariedade das letras no mundo da cultura da infância”, através da leitura e da escrita que foi premiado no Governo do Estado da Paraíba no ano de 2013 por meio da Secretaria de Estado da Educação.

3.1 A solidariedade das letras no mundo da cultura da infância: desenvolvimento da leitura e da escrita.

Este é o titulo do Projeto premiado pela Secretaria de Estado da Educação cujo objetivo é a inovação das boas ideias para transformação na educação pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas exitosas que demonstram sucesso no enfrentamento dos desafios do processo de ensino-aprendizagem.

Foto 1 – Apresentação da ideia da construção do Projeto

Fonte: Dados da pesquisadora, 2013.

O processo teve início a partir da observação de pequenos detalhes relacionados ao cotidiano e que foram de grande relevância no ensino-aprendizagem, tais como pequenos brinquedos e objetos que os mesmos levavam

para a sala de aula. Esses brinquedos serviram de incentivos para a produção desse projeto.

Os jogos e brincadeiras muito podem contribuir na prática pedagógica, não só em relação a crianças pequenas, mas em diferentes faixas etárias, variando desde brincadeiras já conhecidas das crianças até a criação de novos jogos.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.22).

> [...] brincar é uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento da identidade e da autonomia das crianças [...] 'além de [...]' desenvolver habilidades importantes com a atenção, a imitação, a memória e a imaginação, o aluno também amadurece a capacidade de socialização por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papeis sociais.

As atividades lúdicas levam as crianças a uma situação de empolgação, pois através de brincadeiras e jogos elas estão aprendendo de maneira divertida e prazerosa querendo sempre mais. Nesse sentido, as atividades não se tornam enfadonhas; O brinquedo é para a criança a representação da realidade do seu cotidiano. No brinquedo pode haver, também, a incorporação do imaginário como: desenhos animados, ficção cientifica, contos de fadas, expressos através de bonecos, animais, figurinhas, máquinas entre outros.

A brincadeira permite pensar, construir, decidir, experimentar, sentir emoções, cooperar, descobrir, aceitar limites, competir. Nas brincadeiras, as crianças ficam frente a frente com situações já vividas pelos seus pais. Segundo Benjamim, citado por Porto (2003, p. 43): "o brinquedo, mesmo quando não é apenas miniatura de objetos que circulam no mundo dos adultos, é confronto, não tanto da criança com os adultos, mas destes com a criança".

Na visão sócio-histórica de Vygotsky (1991, p.112), "as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ações real e moralidade". Para o autor, o brincar configura-se, também, como uma atividade criadora, em que interagem imaginação, fantasia e realidade na produção de possibilidades de interpretação, expressão e de inter-relações da criança com o mundo. Ele defende que a criança envolve-se num

mundo ilusório e imaginário – “mundo de brinquedo” – para realizar os seus desejos, ou seja, os desejos não realizáveis podem ser realizados a partir da brincadeira.

O que observamos é que mesmo as crianças mais tímidas quando levadas a criar ou construir um brinquedo, sua motivação e satisfação são enormes sentindo-se valorizadas. E podemos, a partir dessa motivação, levá-la a criar possíveis resultados dentro do sistema linguístico que funciona dentro do contexto social possibilitando interpretações orais e escritas envolvendo todo um conhecimento cultural. Os brinquedos e as brincadeiras são recursos que possibilitam conhecimentos, valores, experiências, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo.

Trazendo para a realidade da escola onde foi realizado o Projeto percebe-se que os alunos demonstraram grande interesse. Desenvolvemos o projeto envolvendo o lúdico em todas as etapas, pois o próprio nome “criança” está relacionado ao brincar.

Foto 2 – Momento de descontração após apresentação da atividade.

Fonte: dados da pesquisadora, 2013.

Segundo Araújo (1992, p.14) é de fundamental importância o jogo na vida da criança, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade e satisfação pelo o que faz dando, portanto real valor e atenção às atividades vivenciadas naquele instante.

O brincar em situações educacionais proporciona, não só um meio real de aprendizagem, como permite que os professores aprendam sobre as crianças e suas necessidades. No contexto escolar isso significa dá aos educadores o ponto de partida para novas aprendizagens nos domínios cognitivos e afetivos. Segundo Maluf (2003, p.9), “a busca do saber torna-se importante e prazerosa quando a criança aprende brincando. É possível, através do brincar, formar indivíduos com autonomia, motivados para muitos interesses e capazes de aprender rapidamente”. A autora ainda acrescenta que o brincar é uma necessidade interior tanto da criança quanto do adulto. Por conseguinte, a necessidade de brincar é inerente ao desenvolvimento humano. Sendo assim, é necessário apontar para o papel do professor na garantia e enriquecimento da brincadeira como atividade social no universo infantil.

Comprova-se o que reporta a literatura acerca do tema (foto 3) que as atividades realizadas através de brincadeiras e jogos são extremamente importante no processo de aprendizagem da criança.

Foto 3 – Alunos desenvolvendo aprendizagem através do lúdico

Fonte: Dados da pesquisadora, 2013.

Todas as atividades realizadas durante o projeto teve a participação de todos os alunos em que exploramos textos enriquecedores com aprimoramento tanto na

leitura quanto na escrita, gerando desenvoltura da fala através de relatos, conservações; crescimento na compreensão de atitudes de convivência e na troca de brinquedos. Observamos, também, a motivação e a autoestima dos alunos para expressar ideias através de desenhos, bem como criatividade nas oficinas obtendo um bom desempenho nas atividades que foram realizadas de forma atrativa e inovadora, sempre retratando a cultura da infância através do lúdico.

Assim sendo, trabalhamos a sonoridade das palavras, ampliamos o repertório literário através de quadrinhos fazendo correspondência com o texto, pesquisamos com os familiares sobre como eram as brincadeiras na sua época e trabalhamos a entonação e dicção das palavras para aperfeiçoar a oralidade, cantando, recortando, colando e desenhando, conforme fotos 4 e 5 abaixo.

Fotos 4 e 5 – Alunos participando de atividades.

Fonte: Dados da pesquisadora, 2013.

Acreditamos, porém, que brinquedos como a pipa, a bola, o pião, objetos e jogos fazem crianças felizes e é partir de toda essa questão que podemos desenvolver atividades diversificadas envolvendo a leitura e a escrita para propiciar uma aprendizagem mais renovada e ao mesmo tempo acolhedora.

No decorrer do desenvolvimento do projeto “A solidariedade das letras no mundo da Cultura da Infância através da escrita e da leitura”, os resultados foram

fluindo gradativamente mostrando desempenhos motivadores quanto às atividades realizadas.

Podemos sentir melhoria na escrita e na leitura, pois as atividades tornaram-se mais fáceis. Além disso, percebemos um crescimento no nível de compreensão e interpretação dos alunos, bem como uma diminuição na timidez e uma maior afetividade de uns com os outros. Enfim, percebemos um sujeito ativo no pensamento levado pelo encanto natural do brincar no ensino aprendizagem. Diante disso, concordamos com Martins (2005, p.181) quando diz que: “Brincar não constitui perda de tempo nem é simplesmente uma forma de preencher o tempo. A criança que não tem oportunidades de brincar está como um peixe fora d’agua.

No entanto, é preciso estar atento para o fato de que nem tudo se aprende e se consolida durante a brincadeira. É preciso criar situações em que os alunos possam sistematizar aprendizagem, tal como propõe Kishimoto (2003, p. 33-38):

> Utilização do jogo potencializa a exploração e construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

Nesse sentido, se faz necessário um professor que seja mediador das relações, e que, intencionalmente, selecione os recursos didáticos em função dos seus objetivos, avalie se esses recursos estão sendo suficientes e planeje ações sistemáticas para que os alunos possam aprender de fato.

Fotos 6 e 7 – Processo de Ensino-aprendizagem mediado pelo professor.

Fotos: Dados da pesquisadora, 2013.

Podemos concluir que a metodologia utilizada no projeto “A solidariedade das letras no mundo da Cultura da Infância através da leitura e da escrita” favoreceu e assegurou uma aprendizagem significativa na forma mais atrativa com vídeos, filmes, contos, músicas, jogos, brinquedos, brincadeiras, dramatização, desenhos e pintura, levando as crianças ao hábito da leitura e, consequentemente, a aprimorarem a escrita. Vale ressaltar que o referido projeto foi premiado a nível estadual, uma vez que atendeu aos objetivos propostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, foi possível perceber que as atividades lúdicas e recreativas são de suma importância no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, haja vista que de forma prazerosa elas vão construindo novas e diferentes competências, não só em relação a leitura e a escrita, mas em todos os aspectos. É através das brincadeiras que ela descobre o universo a ser conhecido, vivido e aprendido.

Percebemos, também, que a criança que brinca vive uma infância alegre e saudável, pois o brincar é uma necessidade básica dessa fase, é essencial para o desenvolvimento motor, emocional, social e cognitivo e possibilita a criança vivenciar momentos prazerosos, além de permitir o desenvolvimento de habilidades e competências à sua convivência social.

Nesse sentido, o professor (a) de educação infantil deve ter como ponto de partida as próprias crianças, saber quais são seus interesses, suas formas de aprender e apreender o mundo e o conhecimento, seus saberes.

As crianças desta faixa etária procuram redescobrir o mundo no qual estão inseridos de maneira concreta, vivenciando o passo a passo de cada etapa, tocando, pegando, apalpando, se divertindo. No entanto, na escola as coisas não funcionam assim. O que temos são práticas pedagógicas enfadonhas, ausentes de significados, que em nada contribuem para o desenvolvimento da criança. E em se tratando da leitura e da escrita, essas práticas, baseadas na repetição e na reprodução, pouco tem a ver com a especificidade do desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, a realidade de práticas pedagógicas procedentes de propostas que orientam o trabalho desenvolvido junto às crianças, em instituições de educação infantil, tem tomado caminhos distantes do que declaram os documentos legais, quando esses preconizam o respeito às particularidades e especificidades da infância de 0 a 5 anos de idade, o que implica em perceber a criança como criança, respeitando seu processo de desenvolvimento, não lhe impondo atividades mecânicas e insignificantes.Vemos assim que a criança precisa de uma ação competente que possibilite uma prática que facilite a sua aprendizagem.

É importante ressaltar a relevância social desse estudo, uma vez que proporciona uma compreensão sobre o lúdico e suas contribuições para a consolidação de uma educação infantil de qualidade, que oportunize a criança de zero a cinco anos um desenvolvimento sadio e feliz, mediante as interações que lhe são proporcionados através dos brinquedos, jogos e brincadeiras.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil.** Falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir, fascículo 15. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ARAÚJO, V. C. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 1: Introdução; Volume 2: formação pessoal e social; Volume 3: Conhecimento de mundo.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros **Curriculares Nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF: 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Nacionais de Educação Infantil** - CNE/CEB nº 20/2009 – Brasília: MEC, 2009.

DELORS, **Jacques** (**Coord.).** Os quatro pilares da educação. In: **Educação um tesouro a descobrir.** UNESCO, MEC. São Paulo: Cortez, 1999. p. 89-102.

GNERRE, Maurízio. **Linguagem, escrita e poder**, 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRO, E. Teberosky A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e a educação**: (Org.); - 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, C. **O papel da didática na formação do educador**. In: CANDAU, V. A didática em questão. Petrópolis: Vozes, 2005.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Atividades Lúdicas para Educação Infantil**: conceitos, orientações e práticas. 2.ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2009.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar:** prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARTINS, Lígia Márcia. A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade . In: ARCE, Alessandra e DUARTE Newton (Orgs.). **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**: as contribuições de Vigotsky, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006.

ONRUBIA, Javier. Ensenãr: crear zonas de desarrollo próximo e intervir em ellar. In COOL, César et al. El Constructivismo em el aula 2 ed. Barcelona, Editorial Grão, 1994.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; BATISTA, Cleide Vitor Mussini; MORENO, Gilmara Lupion. **As crianças e suas infâncias:** o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008.

PEDROZA, R. L. S. **Aprendizagem e subjetividade**: uma construção a partir do brincar. Ver. Dep. Psicol. UFF, Niterói, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: http//www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000200006&Ing=&nrm=isso. Acesso em 25 de janeiro.

PIAGET, J. **A função semiótica ou simbólica**. In: -. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

PILETTE, Claudino. (Org). **Didática especial**. 15 ed. São Paulo. Editora Ática, 2000.

PORTO, Cristina L. **Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas**, 2003. Disponível em www.tvebrasil.com.br/salto/boletins/2003/jbdd/teimp.htm.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança**: se der tempo a gente brinca. Porto Alegre: Mediação, 1994.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. **O movimento lúdico**. In: A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995, cap. 4, p.95-103.

SANTOS, Vera Lucia Bertoni. **Brincadeira e conhecimento:** do faz de conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação. 2002. (Caderno de Educação e Arte)

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Espaços lúdicos: brinquedoteca. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCLIAR-CABRAL, L. Critérios para análise de cartilhas – uma abordagem psicolinguística. In. CLEMENTE, E. e KIRST, M. H. (orgs) **Linguística Aplicada ao ensino do português.** 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p.127-143.

SMOLKA, A. L. **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vigotsky e a construção do conhecimento. Campinas: Papirus, 1993.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Ângela B (Org). **Os significados do letramento**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995, p. 91-118.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Levy Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes,1991.

ANEXOS

Mestres da Educação
BOAS IDEIAS TRANSFORMAM A EDUCAÇÃO

CERTIFICADO

O Governo da Paraíba por meio da Secretaria de Estado da Educação concede o Prêmio Mestre da Educação a(o) Professor(a) CARLA DE SOUZA FERNANDES **matrícula** 1179276 **de pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas exitosas que demonstraram sucesso no enfrentamento dos desafios do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes em 2013.**

Marcia de Figueiredo Lucena Lira
Secretária de Estado da Educação

Ricardo Vieira Coutinho
Governador

Secretaria de
Estado da Educação

GOVERNO
DA PARAÍBA

CRIAÇÃO DE TEXTO ELABORADO PELA PROFESSORA CARLA DE SOUZA FERNANDES COM A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MONSENHOR ODILON COUTINHO

NARRATIVA COM TEMA DO PROJETO: A SOLIDARIEDADE DAS LETRAS NO MUNDO DA CULTURA DA INFÂNCIA ATRAVÉS DA LEITURA E DA ESCRITA.

NARRANDO, COMENTANDO, DRAMATIZANDO,TRABALHANDO E PRODUZINDO:

Era uma vez , um lugar lindo cheio de árvores, esse lugar era uma floresta. Nessa floresta havia rios, pássaros, ar puro, frutas e animais. Era tudo muito cheio de paz e haviam cinco crianças que habitavam lá de nomes: Uma era A outra E , I, O, U também um senhor e uma senhora chamados de ÃO e Ã esses eram curandeiros. Mas o engraçado é que devido a floresta ser bastante enorme chamada PULMÃO DO MUNDO e situada no nosso país o BRASIL, essas crianças não se conheciam; então aconteceu que um belo dia a letra A saiu a caminhar, pois apesar de ter uma casa enorme e se chamar AMOR sentía-se sozinha, olhou para o sol que estava bastante brilhante e quente por ser dia e viu a letra I que se chamava IGUALDADE, chamou abraçaram-se e não sentindo-se mais sozinha ficaram amigas, caminharam e viram mergulhando num riacho a letra O ,perguntaram seu nome e ele respondeu; sou O de OBRIGADO e prosseguiram, mais adiante encontraram uma casa no topo da serra , simples mas muito acolhedora e quem morava lá era a letra E perguntaram seu nome e ela respondeu; sou E de ESPERANÇA . Ao voltarem todas juntas apreciando as belezas naturais da floresta observaram um urubu voando que ao vê-las foi logo pairando e quem vinha com ele a letra U cujo nome era UNIÃO . Fizeram uma festa ficaram amigas dizendo que a partir daquele momento não seriam mais sozinhas e que juntas poderiam tornar a floresta mais alegre e bonita formando brincadeiras e palavras e a letra A muito amorosa chamou o I formando AI depois o E abraçou o I formando EI e logo se enturmaram formando OI , UI , AU , OU , IA entre outras. Todas as noites faziam fogueiras para cantar, brincar de roda, e contar histórias. Souberam então que ali por perto moravam o senhor e a senhora ÃO e Ã e que faziam chá da melhor qualidade e que quando elas precisassem era só chama-los pois já eram acostumados cuidar de alguns bichinhos da floresta.

Um belo dia aconteceu que viram um balão vindo do céu e pairando sobre essa floresta, apresentou-se como a letra B e perguntou se poderia fazer parte daquela família pois trazia um baú cheio de bonecas e bolas ,fixou morada formando pedacinhos de amizades e foram descobrindo (ba-be-bi-bo-bu –bão) e depois palavras como: boi, bebe, babão. Os brinquedos trazidos pela letra B serviram de solidariedade, aprendizagem e alegria, pois todos os dias elas tinham motivos para inventarem brincadeiras novas. E assim aconteceu com a letra C que veio num caminhão trazendo

carrinhos, casinhas, celulares, cadernos para desenharem e forem também formando famílias cada vez maiores passando dias e noites desenhando o que viam na floresta, fazendo competições sobre os desenhos mais bonitos e tentando ler e escrever palavras. O D chegou e trouxe muitos dados, trabalhando o jogo da contagem, quem fazia mais e menos pontos também formando famílias (da-de-di-do-du-dão) e palavras (dado-dois-dia).

O F veio de foguete trazendo figurinhas e álbum da novela Carrossel para brincarem e estudarem o que cada personagem fazia naquela escola e que seria correto ou não. O G trouxe bola de gude, pois todas gostavam. E quem ia chegando ia se somando as outras letras formando famílias e palavras para que ficassem inteligentes na leitura e escrita. O H veio de helicóptero trazendo relógios para que aprendessem a hora. O J veio de jumento trazendo os jogos de memórias para que todos raciocinassem melhor. O L veio de lancha pelo rio trazendo livros de historinhas pois, já corria um boato de que as crianças, ou seja as letrinhas estavam todas querendo ler e sonhar, viajar no mundo dos contos. O M veio de moto e trouxe maquiagens pois, sabia que algumas letras adoravam se pintar para ficar bonitas. O N chegou um pouco diferente, veio numa nave e não trouxe nada, nenhum brinquedo gostava de dizer não, mas foi logo se acostumando com a turma, sabia que ali existia diferenças mas que todos queriam ser amigos e o que reinava era a solidariedade e o respeito, então começou todas as noites a ligar as luzes da sua nave para que tudo ficasse mais bonito, clarando assim ainda mais a floresta. O P foi muito engraçado, desceu de paraquedas, se enrolou todo, pois adorava aventuras e trouxe, pipa, pião, peteca e pula corda, foi aquela animação, todos riam muito. O Q veio num animalzinho chamado quati e gostava de contos, foi contar toda a sua história até chegar na floresta, ou seja tudo que lhe havia acontecido e trouxe bastante quebra-cabeça. O R veio andando e trouxe consigo vários robôs, jogos de caça-rimas e redes, pois adorava fazer leitura deitado. O S chegou saltando e soletrando, trazia um monte de sopa de letrinha, para comer e brincar com elas. O T veio de trem e trouxe muito jogo de time de botão de vários times de futebol. O V era muito galã, chegou de veleiro pelo rio e trouxe vídeo game e violão para as cantigas de roda ficarem mais animadas. O X era muito chique e sábio trouxe jogos de xadrez, queria ensinar todas as letras terem um raciocínio rápido principalmente na matemática. O Z chegou zoando fazendo zig zag de um lado para o outro e trouxe bonecos do Zorro, aquele cavaleiro que defendia as pessoas do mal. Por fim, chegou o K de nome Kauan filho dos curandeiros da tribo , o W de nome Wilson e o Y chamada de Yasmin, vieram trazendo sabedorias sobre os lugares da floresta e imitando os animais, foi tudo muito legal e todos aprenderam a escrever e ler.

- Carla de Souza Fernandes